Laura Bellini



A Meio Passo de Você

Amigos conhecem os passos.
Sentimentos mudam a música.

A Meio Passo de Você

Amigos conhecem os passos. Sentimentos mudam a música.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902448

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As condições do primeiro passo 12
Capítulo 2 - Entre um compasso e outro 24
Capítulo 3 - Quando a música para 37
Capítulo 4 - As coisas que não dizíamos 49
Capítulo 5 - O direito de dizer não 62
Capítulo 6 - O primeiro beijo 73
Capítulo 7 - Do outro lado do beijo 86
Capítulo 8 - No mundo dele 96
Capítulo 9 - O risco a dois 107
Capítulo 10 - A distância segura deixa de existir 120
Capítulo 11 - Um lugar à mesa 131
Capítulo 12 - A data que não estava na agenda 142
Capítulo 13 - O preço de um ritmo compartilhado 153
Capítulo 14 - A verdade contada pela metade 163
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou 175
Capítulo 16 - O silêncio entre os compassos 188
Capítulo 17 - Aquilo que eu escolho por mim mesma 197
Capítulo 18 - Antes da última dança 207
Capítulo 19 - Não precisamos dançar a mesma parte 217
Capítulo 20 - Meio passo mais perto 229

INTRO

O passo mais difícil de uma dança não era seguir em frente. Era confiar em quem conduzia e, ao mesmo tempo, não esquecer aonde você mesma queria chegar.

Durante doze anos, ensinei isso a outras pessoas. Eu mesma estava tendo cada vez mais dificuldade em colocar essa lição em prática.

— Mais uma vez, desde o começo — pedi, interrompendo a música.

O silêncio tomou conta da sala de dança, no bairro de Mokotów, em Varsóvia, quebrado apenas pelo arrastar dos sapatos no piso. Oito casais olharam para mim com uma mistura de cansaço e esperança de que, daquela vez, eu finalmente os deixasse descansar. Era uma noite de quinta-feira, a chuva de novembro caía do lado de fora das janelas, e eu estava havia duas horas tentando convencer um grupo de adultos de que conduzir não significava arrastar a parceira pela pista.

— Wiktoria, se você me mandar fazer mais um giro, vou pedir o divórcio — anunciou dona Teresa, uma aluna de sessenta anos.

Seu marido, Janusz, levantou a mão.

— Apoiado. Eu mereço uma velhice tranquila.

A sala explodiu em gargalhadas. Sorri, embora minhas costas doessem desde cedo e, dentro da minha bolsa, houvesse um envelope cujo conteúdo poderia decidir meu futuro profissional.

— Só mais uma vez. Prometo. Depois, todos podem voltar para casa e se divorciar como acharem melhor.

Liguei a música. Uma melodia lenta preencheu a sala, e os casais começaram a se movimentar com hesitação, contando os passos baixinho. Observei Teresa corrigir a posição do braço do marido e ele, em vez de protestar, aproximá-la delicadamente de si. Depois de trinta anos de casamento, ainda conseguiam surpreender um ao outro.

Desviei o olhar.

Não porque sentisse inveja daquela intimidade. Pelo menos era isso que eu repetia para mim mesma. Eu tinha trinta e cinco anos, meu próprio apartamento, um trabalho que amava e planos que finalmente começavam a tomar forma. Não precisava de alguém que mudasse meu ritmo só porque o dele era mais alto.

Quando o último casal foi embora, sentei-me no chão, perto do espelho, e tirei o envelope da bolsa.

A carta havia sido enviada pelos organizadores de uma mostra de dança social de Varsóvia. Era um convite para preparar a apresentação de encerramento, destinada a dançarinos adultos amadores. Três meses de trabalho, a oportunidade de apresentar meu próprio método de ensino e a chance de colaborar com uma instituição que eu tentava convencer, havia muito tempo, a criar um programa permanente.

Li a carta pela quarta vez, detendo os olhos no último parágrafo.

A apresentação deveria ser preparada em duplas. Os organizadores esperavam que a própria instrutora também se apresentasse com um parceiro, demonstrando como uma dança comum podia se transformar numa conversa entre duas pessoas.

Parecia lindo.

O problema era que eu não tinha um parceiro.

Pelo menos não alguém com quem quisesse subir ao palco diante de uma plateia.

Meu celular vibrou sobre o piso.

Konstanty.

Sorri antes mesmo de ler a mensagem.

Ainda está viva? Ou devo comunicar o desaparecimento de uma mulher que considera o descanso um sinal de fraqueza?

Respondi imediatamente.

Estou viva. Vá editar as frases dos outros em vez de comentar a minha vida.

A resposta chegou alguns segundos depois.

Sua vida precisa de uma revisão melhor do que a maioria dos textos que recebo.

Balancei a cabeça.

Eu conhecia Konstanty Gaj havia quase sete anos. Nós nos conhecemos numa festa de amigos em comum, quando derramei vinho tinto acidentalmente sobre sua camisa clara. Em vez de ficar irritado, ele perguntou se eu sempre começava novas amizades tentando destruir o guarda-roupa das pessoas.

Desde então, ele fazia parte da minha vida com uma regularidade irritante.

Levava café quando eu estava preparando novas coreografias. Atendia minhas ligações às duas da manhã, quando, depois do término com Michał, eu não conseguia dormir. Lembrava que eu detestava coentro e sempre pedia minha comida sem aquela erva maldita.

Era meu amigo.

O melhor que eu poderia desejar.

E era justamente por isso que nunca me permitia pensar nele de outra maneira.

O celular tocou.

— Você realmente não tem nada melhor para fazer? — perguntei ao atender.

— Tenho. Mas achei que salvar você de si mesma era mais importante.

Sua voz era grave, levemente rouca. Ele sempre parecia ter acabado de sair de uma conversa longa ou estar prestes a começar outra que não pretendia levar muito a sério.

— Não preciso ser salva.

— Eu sei. Precisa comer. Estou na frente da sua escola.

Levantei a cabeça.

Através das portas de vidro da entrada, reconheci sua silhueta. Konstanty estava sob a cobertura, usando um sobretudo escuro e segurando uma sacola de papel. Os cabelos molhados caíam sobre sua testa, enquanto ele girava o celular na outra mão.

— Eu não convidei você.

— Por isso vim. Se esperasse um convite, morreria de velhice.

Ele desligou.

Fiquei observando por alguns instantes enquanto guardava o telefone no bolso e olhava a rua deserta. Tinha quarenta e um anos, uma paciência extraordinária para textos complicados e um talento ainda mais extraordinário para me tirar do sério com uma única frase.

Abri a porta.

— Se for salada de novo, pode voltar para casa.

— Duas porções de macarrão. Uma sem coentro. Sou praticamente perfeito.

— Praticamente?

— Tenho alguns defeitos, mas conto sobre eles enquanto comemos.

Ele entrou na sala, deixando pegadas molhadas no chão. Trazia consigo o cheiro da chuva, do ar frio e de seu perfume familiar, com notas de cedro. Tirou o sobretudo, arregaçou as mangas da camisa e olhou os documentos espalhados perto do espelho.

— O que é isso?

— Nada importante.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Wiktoria.

Suspirei.

— Um convite para participar de uma mostra de dança. Eu poderia preparar a apresentação de encerramento. Meu próprio programa, minha própria coreografia, tudo do meu jeito.

— Parece exatamente o tipo de oportunidade pela qual você espera há anos.

— Porque estou esperando há anos.

— Então por que está com essa cara de quem acabou de receber a notícia de que o mundo vai acabar?

Entreguei a carta a ele.

Konstanty a leu com atenção, e essa era uma das coisas de que eu mais gostava nele. Nunca fingia estar interessado. Quando dedicava atenção a alguma coisa, fazia isso de verdade.

— Você precisa de um parceiro — constatou.

— Parabéns. O editor descobriu o sentido do texto.

— Tem alguém em mente?

— Alguns candidatos. Nenhum me convence.

Ele me devolveu a folha e colocou a comida sobre um banco.

— E se você parasse de procurar alguém perfeito?

— Na dança, não se trata de perfeição. Trata-se de confiança.

— Então acho ainda mais estranho que você não tenha me perguntado.

Caí na risada.

— Você?

— Isso soou ofensivo.

— Konstanty, no último casamento a que fomos, você tropeçou no próprio paletó.

— Ele tinha um defeito de fabricação.

— Você estava vestindo o paletó.

— É justamente por isso que estou dizendo que tinha um defeito.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes, esperando aquele sorriso característico que significava que havia levado a brincadeira ao absurdo. Dessa vez, porém, ele não estava brincando.

— Você realmente gostaria de tentar?

— Gostaria de saber por que você decidiu imediatamente que eu não seria capaz.

Havia algo em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Não era uma acusação. Parecia mais um desafio tranquilo.

Caminhei até o aparelho de som e liguei a música.

— Está bem. Uma dança. Depois você mesmo vai admitir que é uma péssima ideia.

Konstanty deixou o celular de lado e parou diante de mim. Era uma cabeça mais alto do que eu, mas, quando estendeu a mão, não demonstrou aquela autoconfiança exagerada tão comum entre iniciantes.

— Posso? — perguntou.

Coloquei minha mão na dele.

Conhecia aquele gesto perfeitamente. Centenas de vezes por dia, posicionava desconhecidos da maneira correta para dançar. Dessa vez, porém, percebi que seus dedos estavam quentes e seu olhar era extraordinariamente atento.

— Pé esquerdo para a frente — instruí. — Devagar. Não tente adivinhar o que vou fazer.

— Isso é difícil. Nossa amizade geralmente funciona exatamente assim.

Começamos a dançar.

O primeiro passo foi desajeitado. O segundo, rápido demais. No terceiro, Konstanty parou, em vez de me puxar consigo, e esperou que eu corrigisse a posição.

— Mais uma vez? — perguntou.

Assenti.

Dessa vez, foi melhor.

Não perfeito. Nem sequer bom, de acordo com os padrões que eu exigia de um futuro parceiro. Ainda assim, ele escutava minhas orientações, reagia às menores mudanças na distribuição do peso do meu corpo e não tentava provar que sabia mais do que eu.

Quando a música terminou, continuávamos muito próximos.

— Está vendo? — disse ele baixinho. — Não sou um caso perdido.

Eu deveria ter me afastado. Em vez disso, olhei para nossas mãos entrelaçadas e percebi que, pela primeira vez em sete anos, não sabia o que dizer a Konstanty.

Ele também permaneceu em silêncio.

Do lado de fora, a chuva batia no parapeito da janela, enquanto as luzes dos carros que passavam deslizavam pela pista vazia.

— Wiktoria? — chamou ele, finalmente.

Ergui os olhos.

— Sim?

— Por que você tem tanto medo de dançar comigo de verdade?

Não respondi.

Porque, de repente, compreendi que já não se tratava de dança.

Tratava-se de saber se, caso eu permitisse que ele se aproximasse mais meio passo, nós conseguiríamos voltar a ser quem éramos antes.

Capítulo 1 - As condições do primeiro passo

Na manhã seguinte, acordei convencida de que havia cometido um erro. Não porque tivesse permitido que Konstanty dançasse comigo. Meu erro fora não responder à pergunta dele e depois passar metade da noite tentando entender por que ele a havia feito. Durante os sete anos da nossa amizade, conseguimos conversar sobre praticamente tudo. Sobre meu relacionamento fracassado, suas decepções profissionais, nossas famílias, dinheiro e as piores decisões que já havíamos tomado. No entanto, uma única pergunta sobre dança tinha conseguido me deixar sem palavras.

Na cozinha, encontrei a xícara de chá que havia deixado pela metade na noite anterior, depois de voltar para casa. Sobre a mesa estava minha agenda, com as datas das aulas, das consultas e da reunião com os organizadores da mostra. Circulei com uma caneta vermelha a data da apresentação final e examinei o cronograma. Até o fim de fevereiro, precisava preparar o espetáculo, reunir os participantes e provar que a dança social podia ser muito mais do que aprender passos para casamentos. O sucesso daquele projeto representava minha chance de ampliar a escola. Eu não permitiria que complicações pessoais tirassem essa oportunidade de mim.

O celular vibrou exatamente às oito.

A que horas devo comparecer à entrevista?

Sorri involuntariamente.

Que entrevista?

Para a vaga de possível parceiro. Imagino que haverá uma banca examinadora, avaliação de competências e direito a recurso.

Sua candidatura foi rejeitada.

Não recebi uma justificativa. Vou apresentar uma contestação.

Fiquei olhando para a tela por mais tempo do que deveria. Konstanty não era homem de desistir facilmente, mas geralmente sabia distinguir uma brincadeira de uma decisão séria. Por isso, fiquei surpresa quando, alguns instantes depois, ele enviou outra mensagem.

Wika, eu realmente quero tentar. Só não me trate como mais uma tarefa da sua lista.

Li a mensagem duas vezes.

Eu detestava quando ele acertava em cheio.

Às onze, recebi uma ligação de Marta, proprietária do espaço onde eu dava aulas. Era cerca de quinze anos mais velha do que eu, tinha um talento especial para perceber as menores mudanças de humor e acreditava que qualquer problema podia ser resolvido com café ou um contrato bem redigido. Naquele dia, ofereceu as duas coisas.

— Conversei com os organizadores — anunciou. — Eles querem receber uma inscrição preliminar até segunda-feira. E parece que você precisa de um parceiro.

— Estou trabalhando nisso.

— Ou seja, ainda não tem ninguém.

— Tenho uma possibilidade.

— Já é alguma coisa. Quem?

Hesitei.

— Konstanty.

Houve um silêncio do outro lado da linha.

— Aquele Konstanty?

— Quantos Konstantys você conhece?

— Só um que olha para você como se fosse a última frase que faz sentido num livro mal escrito.

Fechei os olhos.

— Marta.

— O quê? Ele é editor. Estou usando a linguagem dele.

Pedi que não atribuísse significados românticos a uma amizade perfeitamente normal. Marta recebeu minha objeção com a delicadeza de alguém que não tinha a menor intenção de mudar de opinião. Em compensação, lembrou-me da condição mais importante para a inscrição: o casal que representaria a escola precisava participar de um curso regular, e não preparar a apresentação apenas em ensaios particulares. Os organizadores queriam documentar o processo de aprendizagem de adultos amadores. Konstanty, que nunca havia frequentado nossas aulas, teria de começar do zero.

Aquilo complicava meu cronograma.

Ainda assim, naquele mesmo dia, abri o formulário de inscrição para o curso de iniciantes.

Konstanty apareceu na escola pontualmente às cinco e meia da tarde. Usava calça escura, suéter cinza-chumbo e tênis que pareciam ter sido comprados especialmente para a ocasião. Carregava uma pasta. Parou na porta da recepção e me observou com uma expressão indecifrável.

— Trouxe os documentos.

— Que documentos?

— Documento de identidade, certidão de antecedentes criminais e uma fotografia recente.

— Konstanty.

— A fotografia ficou especialmente boa. Seria um desperdício não aproveitá-la.

Estendi a mão para pegar a pasta. Dentro havia um formulário de inscrição impresso. Ele havia preenchido todos os campos, inclusive o que perguntava sobre experiência anterior com dança.

No espaço correspondente, escrevera: Limitada, mas promissora.

— Você é realmente insuportável.

— Isso não faz parte dos critérios desta seleção.

Levei-o até uma sala vazia antes que alguém da equipe tivesse tempo de perguntar por que havíamos chegado juntos. Espalhei sobre um banco o programa do curso e o calendário dos ensaios. Queria apresentar todas as regras antes que ele transformasse nossa conversa em mais uma brincadeira com palavras.

— As aulas em grupo acontecem às terças e quintas. Além disso, precisaríamos de um ensaio individual por semana. Se tudo correr bem, em janeiro aumentaremos a intensidade.

Konstanty sentou-se diante de mim.

— Quanto tempo vai levar para me transformar num homem que não envergonha sua parceira?

— Depende da sua capacidade de concentração.

— No trabalho, consigo passar seis horas revisando um único texto.

— Aqui você não pode corrigir os passos com caneta vermelha.

— Uma pena. Eu seria excelente.

Deslizei o cronograma na direção dele. Konstanty percebeu os fins de semana assinalados e os examinou com mais atenção.

— Você está marcando apresentações antes mesmo de sabermos se vamos conseguir?

— Estou reservando as datas. Além da final, temos a possibilidade de fazer duas apresentações de teste. Uma para os alunos da escola e outra durante um evento aberto ao público.

— Possibilidade ou obrigação?

— Para mim, uma oportunidade que não quero perder.

Ele deixou o calendário sobre a mesa.

— Wika, antes de me inscrever, precisamos combinar uma coisa.

O tom da voz dele me fez parar de organizar os papéis.

— Estou ouvindo.

— Não quero que você me trate apenas como uma ferramenta para alcançar seu objetivo. Se vou aprender a dançar, quero participar de verdade das decisões sobre nossa apresentação.

— A coreografia é minha.

— Eu sei.

— E a responsabilidade profissional também.

— Não estou questionando isso. Mas, se vamos dançar juntos, você não pode tomar todas as decisões por mim.

Senti aquela resistência familiar crescer dentro de mim. Ao longo dos anos, havia aprendido a depender principalmente de mim mesma. Quando Michał foi embora, deixou para trás não apenas um espaço vazio no apartamento, mas também alguns compromissos financeiros que havíamos assumido juntos e que precisei resolver sozinha. Desde então, tornara-me especialmente cuidadosa com projetos que exigiam confiar na responsabilidade de outra pessoa.

— Você não entende o quanto isso significa para mim — falei.

— Entendo mais do que imagina. É justamente por isso que não quero prometer algo que não seja capaz de cumprir.

— Então o que propõe?

— Fazemos a inscrição no curso. Definimos as responsabilidades. Você cuida da coreografia, eu cuido da minha preparação. E decidimos juntos de quais apresentações vamos participar.

Observei-o atentamente.

— E se eu achar que você não está pronto?

— Então não vou me apresentar. Mas quero que me diga isso diretamente, sem tentar proteger meus sentimentos.

Eu não esperava aquela resposta. Havia passado grande parte da minha vida profissional tentando convencer as pessoas de que críticas construtivas não eram ofensas pessoais. Konstanty não apenas aceitava críticas como estava pedindo por elas.

— Isso é sensato — admiti.

— Anote a data. Acabei de receber um elogio seu.

Peguei o formulário e entreguei-lhe uma caneta.

— Ainda tem outra questão.

— Parece ameaçador.

— Nas aulas em grupo, não serei sua instrutora. Marta vai conduzi-las. Quero que você aprenda o básico sem que eu fique corrigindo tudo o tempo inteiro.

— Porque, caso contrário, você vai tentar me controlar?

— Porque, caso contrário, nós dois vamos acabar irritados.

— Então você realmente se conhece.

Não respondi. Observei-o assinar a inscrição. Seus movimentos eram tranquilos e precisos, próprios de alguém acostumado a um trabalho que exigia paciência. Quando terminou, deslizou o formulário na minha direção, mas não soltou imediatamente a folha.

— Ainda tenho uma condição.

— Outra?

— Uma noite por semana sem conversas sobre coreografia. Não quero perder nossa amizade só porque decidimos dançar juntos.

Aquelas palavras me atingiram com mais força do que deveriam.

— Não vamos perdê-la.

— Você não tem como saber.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando por cima da mesa. Eu conhecia seu rosto de memória e, mesmo

assim, naquela tarde, percebi algo novo. Uma insegurança que ele não tentava esconder atrás de um sorriso. Talvez eu não fosse a única pessoa consciente do risco.

A primeira aula em grupo aconteceu na terça-feira. Marta recebeu os novos alunos com a energia que costumava reservar para aqueles convencidos de que tinham dois pés esquerdos. Konstanty ficou ao meu lado, um pouco rígido, mas sem nenhum sinal de constrangimento. Observava os outros casais com curiosidade quase profissional.

— Todo mundo parece estar prestes a fazer uma prova? — sussurrou.

— A maioria. Depois descobrem que ninguém está avaliando ninguém.

— Você avalia.

— Eu sou a exceção.

Marta pediu que os participantes formassem duplas. Fiquei diante de Konstanty e ajeitei a pulseira do relógio, que estava atrapalhando o movimento da minha mão. Queria me concentrar nos exercícios. Em vez disso, percebi que ele me observava com uma expressão levemente divertida.

— O quê? — perguntei.

— Nunca tinha visto você deste lado da sala.

— Que lado?

— O lado em que outra pessoa dá as ordens.

Marta bateu palmas.

— Vamos começar com o passo básico. Lembrem-se de que uma parceria não consiste em adivinhar os movimentos nem em arrastar a outra pessoa. Primeiro, vocês precisam aprender a escutar.

Konstanty se inclinou discretamente na minha direção.

— Esse curso vai ser difícil para você.

Tentei manter uma expressão séria.

Não consegui.

Durante os primeiros exercícios, ele confundiu a direção várias vezes. Em uma ocasião, pisou no meu pé; em outra, pediu desculpas por reflexo antes mesmo de cometer um erro. No entanto, não se irritou nem tentou fingir que tudo era natural para ele. Quando Marta corrigiu a posição de seus ombros, escutou as orientações e tentou novamente.

Depois de quarenta minutos, percebi que ele havia parado de olhar para os próprios pés.

Estava olhando para mim.

Não de um jeito que pudesse ser considerado casual. Observava-me atentamente, com uma concentração que até então eu havia percebido sobretudo durante nossas conversas mais sérias.

— Por que está me olhando assim? — perguntei em voz baixa.

— Porque, pelo que entendi, preciso aprender a reconhecer seus movimentos.

— Não precisa ficar me encarando o tempo inteiro.

— Prefere que eu olhe para o relógio?

— Preferia que você contasse.

— Estou contando.

— O quê?

— As coisas que eu nunca tinha percebido antes.

Antes que eu conseguisse responder, Marta mudou a música. Konstanty me conduziu no passo seguinte, dessa vez sem cometer nenhum erro.

Durante alguns segundos, nós realmente dançamos.

Não como uma instrutora e um aluno iniciante. Nem mesmo como dois amigos realizando uma tarefa em conjunto. Havia algo tranquilo naquilo, surpreendentemente natural. Percebi que havia parado de tentar antecipar seus erros e simplesmente permitido que ele me conduzisse.

Quando a música terminou, fui a primeira a me afastar.

— Melhorou — comentei.

— Só melhorou?

— Não vamos exagerar.

Ele sorriu, mas não comentou minha resposta.

Depois da aula, Marta me segurou na recepção enquanto Konstanty foi buscar o sobretudo.

— Vocês ficam bem juntos — disse ela.

— Estamos apenas começando.

— Não estava falando dos passos.

Olhei na direção do corredor.

Konstanty estava falando ao telefone. Permanecia de lado, com uma das mãos no bolso. Por um instante, sua expressão ficou séria enquanto escutava a pessoa do outro lado da linha. Então respondeu brevemente e guardou o aparelho. Quando me viu, seu rosto voltou a se suavizar.

— Pronta? — perguntou.

Assenti.

Saímos para o ar frio de novembro. Varsóvia cheirava a chuva e escapamento de carros, e as calçadas refletiam as luzes do trânsito. Caminhamos lado a lado durante alguns minutos, em silêncio.

— Wika — disse ele, finalmente. — Você não precisa responder à pergunta que fiz na quinta-feira.

Parei.

— Por quê?

— Porque não quero que se sinta obrigada a explicar algo que talvez você mesma ainda não compreenda.

Observei-o. Aquele era o Konstanty que eu conhecia. Um homem capaz de desmontar minhas defesas com uma única frase e depois não se aproveitar da vantagem conquistada.

— E se eu compreender? — perguntei.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Então gostaria de ouvir sua resposta quando você mesma decidir que quer me dar uma.

Continuou caminhando, deixando a escolha nas minhas mãos.

Alcancei-o depois de alguns passos.

— Konstanty?

— Sim?

— Não vamos fazer esse curso como duas pessoas que precisam provar alguma coisa uma à outra.

Ele olhou para mim.

— Então como vamos fazer?

— Como dois amigos que querem descobrir se conseguem criar algo bom juntos.

Um sorriso surgiu lentamente em seu rosto.

— Para começar, isso basta.

Eu não sabia por que a palavra começar soara em sua boca como se escondesse mais possibilidades do que eu estava disposta a enxergar.

Só sabia que, pela primeira vez em muito tempo, não sentia vontade de antecipar o próximo passo.

Capítulo 2 - Entre um compasso e outro

No sábado de manhã, descobri que Konstanty havia levado nossa colaboração muito mais a sério do que eu imaginava. Enviou-me uma mensagem com três perguntas sobre o programa, uma proposta de horários e a fotografia de um caderno no qual havia organizado os primeiros exercícios. Na margem, acrescentara: Não corrija minha pontuação. Essa é a minha especialidade.

Examinei a fotografia, divertida. O caderno estava preenchido com uma letra pequena e uniforme. Ao lado dos nomes dos passos, apareciam observações: Não ter pressa. Não olhar para os pés. Lembrar que Wiktoria não é um móvel que pode ser arrastado. A última anotação me fez rir alto.

Respondi que, se continuasse tão dedicado, talvez eu permitisse que ele conduzisse durante trinta segundos inteiros sem nenhuma interferência.

A resposta chegou quase imediatamente.

Isso é mais liberdade do que recebi da minha última editora-chefe.

Havíamos combinado de nos encontrar às cinco da tarde, num pequeno café em Powiśle. Konstanty escolhera o lugar, alegando que era suficientemente tranquilo para conversarmos e suficientemente distante da escola para que eu não começasse a dar ordens. Concordei com a condição de que tratássemos o encontro como uma reunião de trabalho.

Passei o resto do dia tentando convencer a mim mesma de que seria exatamente isso.

Antes de sair, troquei de roupa três vezes. Primeiro, vesti um vestido preto simples, mas depois achei que estava elegante demais. Substituí-o por jeans e um suéter, porém logo voltei ao guarda-roupa para pegar uma camisa clara. Irritada com meu próprio comportamento, parei diante do espelho.

Afinal, eu não estava escolhendo roupa para um encontro romântico.

Sete anos de amizade deveriam ser suficientes para que eu não me preocupasse com a minha aparência diante de Konstanty.

Mesmo assim, fiquei um bom tempo me perguntando se ele perceberia que eu havia deixado os cabelos soltos.

O café ficava no térreo de um prédio antigo, a algumas ruas do rio Vístula. Lá dentro, havia cheiro de café moído na hora, bolo recém-assado e casacos molhados. Pequenas mesas estavam dispostas junto às janelas, e as prateleiras estavam cheias de livros deixados pelos clientes.

Konstanty estava sentado no canto mais afastado. Tinha um caderno aberto à sua frente, mas o fechou imediatamente quando entrei.

Levantou-se.

Ele não costumava fazer isso.

— O que aconteceu? — perguntei, tirando o cachecol.

— Nada.

— Você está suspeitosamente educado.

— Resolvi começar nossa parceria causando uma boa impressão.